

FRANCA



simpósio dos professores
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

TEMA HISTÓRICO SÓCIO-FILOSÓFICO: O ARTESANATO FATOR DE HUMANIZAÇÃO.

Pe. Sebastião Romano Machado (*).

O problema do humanismo, não somente foi o tema obrigatório do Renascimento, mas é também o ponto crucial da atualidade. Os valores da pessoa humana, o sentido do homem são as indagações muitas vezes angustiosas, postas pelo rápido desenvolver-se desta nossa época de crise, em que tudo é colocado em discussões. Dêste histórico problema humanístico, cuja solução é função e dever da nossa geração, torna-se patente que é preciso procurar a sua verdadeira natureza, se bem que muitas vezes desconhecida, reduzindo êste problema humanístico ao problema da auspiciosa harmonia dos valores espirituais e materiais. Harmonia sem desvalorização indébita da vida, sem retrocesso diante do progresso e sem necessidade de voltar à Idade Média; antes uma volta aos verdadeiros valores da vida.

Importa pois viver intensamente a nossa vida, com tudo aquilo que ela tem de bom e de belo. Aliás o homem moderno tem uma confiança absoluta nos seus recursos e no seu destino. Encontra na sua consciência um estímulo para a conquista e cultivo de sí próprio, para a perfeita exploração das suas qualidades e serena posse da sua natureza. Para o sucesso da sua vida não recua perante nenhum esforço e trava luta com os outros e contra sí mesmo. Aceita, se necessário, dolorosos sacrifícios. O humanismo é pois uma tendência dinâmica. Quer se trate de um sistema de linhas nitidamente traçadas ou de uma aspiração mais ou menos vaga, implica sempre uma elevada estima pela natureza humana aliada à ambição de realizá-la plenamente no tipo ideal. Tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano e a manifes-

(*) — Professor de História Moderna da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca (Estado de São Paulo).

tar a sua grandeza original fazendo-o participar em tudo o que pode enriquecê-lo na natureza e na história.

Como dizia Scheler “concentrando o mundo no homem e dilatando-o até o mundo”. Ora, no mundo atual duas grandes forças se degladiam entre si pela posse do homem: o materialismo e o espiritualismo. Ambos se esforçam por ditar ao homem as suas normas, os seus princípios e as suas conseqüências.

Entretanto, se procurarmos a definição mais completa e moderna da pessoa humana, em base psicológica encontraremos esta, que fundamenta tôda a sua história: “O homem deve ser considerado antes de tudo, como uma unidade e totalidade psíquica e depois como uma unidade resultante da convergência de três dimensões irredutíveis, três dinamismos que esgotam a realidade sob o aspecto humanístico da pessoa: unidade estruturada em si mesma ao redor de seu núcleo mais íntimo que é a consciência (o eu, a livre individualidade); unidade social (as relações com os outros e o ambiente); e a unidade transcendente que tende para Deus (as relações para com o Dever).

Êste é o homem: “Unidade tridimensional sob a responsabilidade do eu e sob a proporção de Deus”.

Unidade e totalidade psíquica, significam que o homem é um ser dotado de corpo e espírito, verdade esta que se torna cada vez mais evidente, graças aos métodos científicos da Psicologia e Parapsicologia.

Êste ser dotado de corpo e de espírito tem porém três dimensões, conforme vimos acima. Mas o conhecimento perfeito da pessoa humana gera o seu culto: o humanismo. Desde os promórdios da humanidade, a criatura tem se esforçado, por ser o centro do universo. Daí as suas realizações, as suas lutas, a sua história. Ora nesta luta em favor do humanismo ocupa lugar relevante, a pessoa do artesão. Embora possa parecer um paradoxo, que o homem que labuta em sua oficina, que através de suas ferramentas e instrumentos não automatizados e mecanizados, elabora utensílios preciosos à vida dos seus semelhantes, seja um fator importante de humanização, na verdade êle o é. Assim, o testemunha a história desde o longínquo Eg'pto até à as plagas mesopotâmicas, da dinâmica Fenícia à culta Grécia e ao poderoso Império romano. Mas é sobretudo na Idade Média que o artesanato atingirá o seu ápice. Na verdade, o artesão é uma pessoa humana e realiza em si mesmo as dimensões de sua personalidade. Tem êle a sua consciência, não apenas uma consciência artesanal, mas sobretudo

ética. Homem afeito às lutas, aos sacrifícios, às renúncias, está mais do que capacitado, para compreender que o êxito perfeito de sua obra depende da retidão e honestidade de sua consciência. Com efeito, a história tem demonstrado que todos aqueles artesãos que não se portaram em suas lides comerciais e sociais, com uma consciência reta e honesta desapareceram como uma sombra e de sua memória, nada nos restou. Mas aqueles que agiram de acôrdo com sua consciência ética realizaram plenamente sua personalidade e sua memória é ainda hoje motivo de admiração e aprêço.

Ao lado, porém, de sua consciência, o artesão preenche ainda a segunda dimensão de sua personalidade.

E' o homem por excelência das relações humanas. E' êle o mensageiro e o portador de bem estar aos seus semelhantes, mercê de suas mercadorias, de seus negócios e de seu trabalho, muitas vêzes obscuro e humilde. E' êle ainda que dá um colorido todo especial ao ambiente em que vive e realiza seus empreendimentos. Com efeito, a atividade produtiva do artesanato, nada mais é do que a forma direta e naturalmente desenvolvida da atividade produtiva caseira. Conserva dela o caráter familiar, como é evidente em todos os seus aspectos. Em primeiro lugar nos aspectos externos, a oficina era em um ou alguns lugares, o mais das vêzes na mesma casa de habilitação: empregavam-se poucos indivíduos; êstes o mais das vêzes, eram ligados pelos vínculos do parentesco e, se eram estranhos, entravam a fazer parte da mesma família. O objeto produzido era integralmente, ou quase, elaborado na mesma oficina. O trabalho era executado com a mão ou com máquinas simples acionadas pela mão. Mas, o que era mais importante, o espírito que animava os homens e as instituições do trabalho era todo repassado de humanismo. A relação entre os membros do artesanato era uma relação pessoal, no sentido de relação entre pessoas como tais, que se conheciam, se entendiam, se preocupavam e interessavam reciprocamente. O modelo desta relação é sempre aquêle familiar. A oficina ou o artesanato é uma família mais ampla. A não existência de distinção entre patrão e operário, pois sendo o patrão, mestre, é por isso mesmo, o primeiro operário, atenua a desigualdade entre os colaboradores da oficina, e mantêm entre êles uma camaradagem e simpatia, que dissipam qualquer distinção e oposição entre patrão e operário, qualquer luta de classe e espírito de inveja e ódio, como condição normal de suas relações. Mas o artesão não é um homem que pensa sòmente em si mesmo, e no seu bem-estar.

As suas relações sociais se estendem também aos órfãos, doentes, viúvas, contribuindo com somas, muitas vezes generosas, para as obras de utilidade pública ou de beneficência cidadina. E assim, o artesão produzia integralmente ou quase, a manufatura, através de uma série vária e variável de atos que imprimiam àquela, a marca de seu engenho e da sua vontade, afastando-o do perigo de ser uma peça de máquina ou uma repetição mecânica de um gesto sempre idêntico. O artesanato pelo contrário dava-lhe gôsto pelo trabalho, pela iniciativa e pela sua personalidade. Finalmente, o artesão, como criatura que é deve ao Ser Supremo, a sua submissão, o seu respeito, e o seu aprêço. Com efeito, o homem por mais habilidoso e inteligente que seja, ainda que possa deslumbrar por obras e realizações o mundo inteiro é sempre limitado, finito e contingente. Daí a sua necessidade premente de aproximar-se do Ser Ilimitado, Infinito e Necessário, para a realização de sua personalidade, já que o ser finito e contingente se aperfeiçoa à medida que se aproxima do Ser Infinito e Necessário. E estas três dimensões da personalidade do artesão se acham sob o contrôlo de sua consciêcia bem formada e eficiente. Ora, estas três dimensões se estruturam em unidade dinâmica; sômente se uma delas permanecer estável e dominante e as outras duas estiverem em relação para com ela e por ela forem valorizadas. De outra maneira, ou não teremos o movimento, ou não teremos uma unidade. Assim, se a dimensão consciêcia, o eu, se centraliza e impulsiona as relações humanas e as relações para com o Ser Supremo, teremos um humanismo egocêntrico liberal. Ora, êsse humanismo é egoísta e tende a fazer do ser humano um escravo, um pária do outro homem. Se ao invés, a dimensão centralizada fôr as relações humanas e ambientais, teremos um humanismo sócio-cêntrico, em que o homem nada mais será do que uma peça no grande organismo estatal. Será o homem um ser sem liberdade e sem personalidade, um perfeito autômato. Teremos, porém, um humanismo espiritualista, capaz de levar o homem a um verdadeiro destino e a realização plena de sua personalidade se a Dimensão, relações para com o Ser Supremo se centraliza e movimenta as demais dimensões do ser humano. Não há dúvida, pois, de que o artesanato sempre propugnou pelo humanismo espiritualista. A história nô-lo prova com eficiência e verdade. A dignidade humana, escreve Budiaeff, “pressupõe a existência de Deus”. E’ esta a essência de tôda a dialética vital do humanismo. O homem só é pessoa na medida em que fôr um espírito livre, refletindo

o Ser Supremo". Mas que melhor do que o artesanato para liberar o homem, para valorizá-lo, para expandir o seu valor pessoal e torná-lo mais homem?

Eis porque o artesanato foi e o é um fator de humanização. A necessidade hoje não é a caprichosa e polemista de posições unilaterais, mas a criação vital de síntese que sirva a humanizar e espiritualizar a técnica e a modernizar o ideal de **humanitas**, que nos foi legado rico de conteúdo espiritual pelo passado; conteúdo humano também que se deve conhecer na sua gênese e evolução histórica, para uma conservação equilibrada e razoável. A aquisição de um critério mais moderno e de uma sensibilidade mais perspicaz na avaliação dos problemas inerentes ao homem, quer ser a contribuição formativa, e por conseguinte não só superficialmente informativa dêste nosso trabalho. Mais uma vez, diremos como Cícero: **Historia magistra vitae.**

*

BIBLIOGRAFIA.

1. — Lopes (Robert S.), **Collection Destins du monde, Naissance de Europe**, L. Armand Colin, 1962.
2. — Moroni (Francesco), **Corso di Storia**, 1 vol., S.E.I., 1959.
3. — Etchevery (Auguste), **O conflito atual dos humanismos**. Pôrto, 1958.
4. — **L'umanesimo da Pio XII, Orientamenti pedagogici**, S.E.I., 1942.
5. — Goff (L. Jacques), **Les Grandes Civilisations, La civilisations del'Occident Médiéval**. Arthaud, 1964.

*

* * *

INTERVENÇÕES.

Da Profa. Alise Piffer Canabrava (F.C.E.A. da U.S.P.).

Diz que o Pe. Romano coloca, em sua comunicação, um problema muito tratado pelos cientistas sociais, o da desumanização do sistema de fábrica, em contraste com o profundo conteúdo humano do trabalho artesanal. Neste, o artesão tem na sua obra, uma expressão de sua personalidade, pois realiza a obra completa; o contato direto do Mestre, na oficina, com os aprendizes e oficiais, pode propiciar a formação de uma at-

mosfera rica de conteúdo humano. Na fábrica, o operário se despersonaliza, pois realiza uma operação que é apenas parcela mínima, numerosas vezes, do processo total de produção. Seus contatos com o Mestre, em geral, são de natureza formal. Um número de pessoas muito pequeno, proporcionalmente, tem a seu cargo trabalho de realização criadora.

*

Da **Profa. Olga Pantaleão** (F.F.C.L. de Marília, S. P.).

Afirma que o Autor tratou com muita propriedade do problema da desumanização do trabalhador industrial, mostrando a importância do artesanato como fator de humanização. Gostaria de lembrar aqui também a importância do artesanato no desenvolvimento do espírito criador, elemento que poderia levar à uma realização integral da pessoa ligada a esse tipo de trabalho.

*

Do **Prof. Ady Ciocci** (F. C. Econômicas “São Luís”, S. P.).

Sustenta que Mazzarino lutou porque estava convencido de que o homem **devia** ser livre. Marx lutou porque achava que o homem estava inexoravelmente **destinado** a ser livre. Pergunta então ao Autor: Como vê o problema humanístico neste aceleração, face aos modernos processos de produção?

*

* *

RESPOSTA DO PROF. PE. SEBASTIÃO ROMANO
MACHADO.

À **Profa. Alice Piffer Canabrava**.

Declara que a Profa. Alice Canabrava tem razão. Diz que basta contemplar as fábricas de nossos dias, para constatar, como o mais das vezes, que o homem deixa de ser o agente criador e dotado de iniciativas, para ser meramente uma peça da grande máquina industrial. Sua personalidade amesquinha-se, quase desaparece, para dar lugar a reflexos condicionados que o integram de uma maneira desumana, à má-

quina que trabalha. Tem-se, pois, mais um **robot** do que uma pessoa humana.

A Profa. Olga Pantaleão.

Diz que embora não possamos voltar ao passado, pois as conquistas humanas são reais e de todos os dias, quer no campo das ciências, como no da técnica, todavia é evidente que se abre para o homem moderno uma urgente necessidade de conciliar o aspecto clássico-humanista com o aspecto técnico-científico de suas realizações. Do contrário, teremos o homem criador de tantas maravilhas, escravizador e esmagador pelas obras de sua inteligência e de suas mãos. Urge, pois, humanizar as realizações técnico-científicas do homem, através de um trabalho em que a pessoa humana seja não apenas uma peça de máquina, mas uma iniciativa perene, diante dos responsáveis pelo trabalho, com suas apreciações, inspirações e contribuições.

Ao Prof. Ady Ciocci.

Declara que sendo o homem uma unidade e totalidade psíquica, é claro que todo sistema de produção, que visa unicamente uma parcela de sua personalidade, não pode contribuir para a elevação e realização de sua pessoa. Aliás, a História demonstra que aqueles países que resolveram de uma maneira satisfatória o magno problema da produção e conseguiram uma economia estável, embora tenham dado ao homem um conforto material, todavia não realizaram o problema de sua humanização. Assim a Suécia, embora tenha atingido um alto padrão de economia, é todavia o país que apresenta o maior índice de suicídios anualmente, principalmente entre os jovens. Ninguém, outrossim, desconhece a pujança da produção e da economia norte-americana. No entanto, êste país conta com problemas tão sérios no que diz respeito à juventude, à discriminação racial e à família. Donde se conclui, que todo o sistema que não leva em consideração a unidade e a totalidade da pessoa humana, não pode humanizá-la e nem dar-lhe a felicidade terrestre.